

A PROPÓSITO DE “A CIÊNCIA JURÍDICA E SEUS DOIS MARIDOS”

Treinados pelos rigores da epistemologia clássica para prontamente separar como pólos entre si repelentes, a ciência da magia, podemos ser tentados, numa primeira leitura, a considerar este último livro de Luis Alberto Warat como uma heresia moderna.

Para muitos será assim, agora e sempre. Para outros, passado o espanto, a obra se clareia — o suficiente pelo menos para senti-la, eis que parece ingloria a pretensão de compreendê-la a nível de captação do racional esquematizado. Aliás a arte existe mais para ser sentida, do que para ser entendida. Além disso, creio que não haja ciência que elimine, lá dentro de nós, o clima de magia que nos faz vibrar ante um poema, num trecho musical, ante uma flor ou um ato de paixão, assim como não há magia que possa fazer o “homo sapiens”, na sua versão moderna, dispensar a busca da lógica, o impulso da pesquisa e os equacionamentos matemáticos na luta pela vida ou pela morte. Warat teve a coragem de botar para fora essas verdades que não sei por quais preconceitos ou sortilégios evitamos enfrentar no cotidiano.

Assim, num arranjo sinfônico de metáforas de extrema força estilística, adentra o autor com desenvoltura e intimidade no universo simbólico de Barthes e de Cortázar e lá, sem pedir licença, vai introduzindo, pela mão, ao som de tangos mas ao bater de alabaques, fantasmas portenhos e per-

sonagens da carnavalização baiana, cada um com suas malandragens, suas mentiras e suas verdades, seus discursos e seus silêncios.

A partir daí, Warat joga com lugares padronizados, identificados ao ponto de arriscar-se à crítica de ter sido maniqueísta. Vadinho e Teodoro, Arlequim e Pierrot ou, como o autor mesmo diz, contraposições entre os lugares do dever e do prazer. Essas posições antitéticas levam-no a buscar na semiologia Cortaziana dois modelos que também se situam em pontos extremos: os *cronópios* (homens pluriformes e pluricromáticos de espantosa riqueza inventiva, estranha poesia e humor adstringente) e os *famas* (seres cinzas, acomodados, prudentes e amantes do cálculo e da semiologia dominante).

Em verdade esses pontos extremos podem e devem servir de referência pois, felizmente, embora haja no mundo aqueles tão chatos que sejam incapazes de entender que alguém encontre alegria na vida, bem como os de tal forma epicuristas que não entendam existir quem se doe pelo trabalho e pelo estudo metódico, a maioria das pessoas está no espaço compreendido entre ambas as referências: Um mais pra cá, outros mais pra lá, apenas isso.

Mas . . . e a Ciência Jurídica, essa bigama bizarra desenhada ou pelo menos insinuada por Warat?

Esta, pelo menos na sua forma tradicional, diz o autor, costuma usar máscaras disciplinadoras que impedem se fixem os limites da lei, e resulta em escritos que não conseguem procriar uma cultura jurídica visceralmente democrática.

Então Warat coloca a máscara de Vadinho para montar intuições subversivas e sublimar a parte maldita da cultura jurídica. Isso possibilitaria, pensa ele, piscando maliciosamente impenetráveis olhos de cronópio, alcançar uma vida intelectual liberada de autoridades, com um mínimo de medidas de segurança. A máscara de Vadinho se ajustaria às cabeças dos contradogmáticos e se contraporía aos mascarados de Teodoro que imaginam um direito a serviço do imobilismo e dos conceitos de validade formal da lei.

Filtradas as predições pela máscara de Vadinho, que é costurada por tênues fios de ilusões e esperanças, o autor acredita que seria possível alcançar um jurisdicismo que não seja vampiro da democracia. A máscara de Vadinho seria, assim, a proposta de um jogo de descobertas. Principalmente de descobertas das alternativas para o autoritarismo, o estatismo, o dogmatismo e a epistemologia satisfeita.

Se com esse belo exercício de intertextualidade, o autor vai ajudar alguém a produzir as necessárias mudanças, disso não posso ter qualquer certeza. Mas eu tenho um sentimento forte, a respeito. A de que, ao jogar em doses magicamente distribuídas, no cadinho de alquimista, gotas de saber epistemológico, de anarquismo e de humor, e mais, metendo nessa incrível fusão teus fantasmas libertados, Warat compôs uma obra prima.

A ciência jurídica e seus dois maridos é um dos mais belos e inteligentes textos que li. Quanto ao futuro da obra, vem-me à mente, a singularidade da loucura dos *piantados* de que nos fala Cortázar, essa loucura especialíssima que não pode ser entendida pelos psiquiatras mas sim por aqueles dotados de alegria e humor. Assim creio que sua obra terá êxito crescente à medida que houver mais alegria e esperança nos corações. É uma cavalgada em que o mensageiro vai de Thanatos a Eros, sem direito a retorno. Se atravessar ilesa os perigosos caminhos desse percurso, cheios de feitiços, de cantos de sereia e muita areia movediça, a obra viverá pela vida e para a vida.